

Pequenas memórias

a (re)construção de um passado individual

Eduarda Regina Drabczynski da Matta

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MATTA, ERD. Pequenas memórias: a (re)construção de um passado individual. In: WEINHARDT, M., org. *Ficções contemporâneas: histórias e memórias* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 43-62. ISBN 978-85-7798-214-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PEQUENAS MEMÓRIAS: A (RE)CONSTRUÇÃO DE UM PASSADO INDIVIDUAL

Eduarda Regina Drabczynski da Matta

*...apenas o tempo de um relancear de olhos,
reencontrei-me com todos os anos passados.*

(José Saramago)

Memória. Universo de lembranças, obscuro por vezes. Quando evocado, ativa um mecanismo quase assombroso de trazer à tona milhares de recortes de um passado, seja recente, seja remoto.

Não se sabe tudo, nunca se saberá tudo, mas há horas em que somos capazes de acreditar que sim, talvez porque nesse momento nada mais nos podia caber na alma, na consciência, na mente, naquilo que se queira chamar ao que nos vai fazendo mais ou menos humanos. Olho de cima da ribanceira a corrente que mal se move, a água quase estagnada, e absurdamente imagino que tudo voltaria a ser o que foi se nela pudesse voltar a mergulhar a minha nudez da infância, se pudesse retomar nas mãos que tenho hoje a longa e húmida vara ou os sonoros remos de antanho, e impelir, sobre a lisa pele da água, o barco rústico que conduziu até às fronteiras do sonho um certo ser que fui e que deixei encalhado algures no tempo (SARAMAGO, 2006, p. 15).

O processo de rememoração propicia ao homem não apenas o acesso a imagens isoladamente recordadas e a ordenação de lembranças, mas, principalmente, a releitura de tais passagens. A memória, portanto, “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 366).

Assim sendo, pisando em um solo frágil no que diz respeito à compreensão de como funciona a capacidade desse registro praticamente infinito de acontecimentos, limitamo-nos, neste estudo, a analisar a maneira como o escritor José Saramago edita, por assim dizer, sua memória para a confecção de sua autobiografia, intitulada *As pequenas memórias* (2006), em que revive alguns episódios de infância e juventude, selecionando os fatos que julga serem de maior importância para a formação de seu “eu” maduro e experiente. Essa última afirmação não é declarada em texto, mas podemos chegar a essa pressuposição levando em conta a informação de que o nosso passado é o que nos constitui como sujeitos do presente. Dessa forma, a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 410, grifo do autor). Tudo, portanto, que fica guardado em nossa memória influencia, de certa forma, na formação de nossas identidades, sejam essas lembranças provindas de acontecimentos que nós mesmos presenciamos ou que foram registrados por outras pessoas.

Sobre a questão de a quem pertence determinada lembrança, Saramago discorre brevemente em sua autobiografia:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não falariam, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas (SARAMAGO, 2006, p. 58).

Dessa forma, “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Essa constatação pode ser aproximada ao princípio da alteridade. Encontramos no outro o reflexo de nós mesmos, e só conseguimos comprovar nossa existência por meio de uma interação. A existência é significada quando em contato com a experiência, e isso funciona, de acordo com Bakhtin, por meio do discurso.

“Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros, introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (BAKHTIN, 1997, p. 314). Assim também funcionam nossas lembranças, quando, por exemplo, vivenciamos as mesmas histórias que a nossa família. É certo que as impressões individuais dessas histórias podem divergir, mas seu registro foi coletivo, sendo compartilhado e, dessa forma, internalizando-se na nossa memória individual.

[...] ao mesmo tempo, um outro e o mesmo ser, uma identidade confirmada pelo reconhecimento e uma identidade roubada pela imagem. Por isso, entre o modelo autobiográfico e sua reprodução textual existe uma identidade fantástica (eu é um outro), compensada por uma alteridade tranquilizadora (o outro é semelhante ao eu) (ROCHA, 1977, p. 73).

Considerando o fato de que a “memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação” (RICOEUR, 2007, p. 25), iniciamos a análise proposta já com certo estranhamento provindo da questão de algumas das lembranças que guardamos como fidedignas não serem totalmente confiáveis. Valemos, pois, da possibilidade de essas serem apenas produto da imaginação para alçarem sentido no preenchimento das lacunas geradas pelo tempo percorrido entre o fato vivido e sua rememoração.

Sorabji (*apud* LIMA, 2009, p. 131), afirma que “as imagens da memória não são idênticas às imagens dos sentidos, mas são produzidas por elas por uma espécie de processo de impressão”. É por meio de tal processo que Saramago, por muitas vezes, coloca em xeque a veracidade das suas lembranças, como no seguinte trecho: “e o meu fato novo, se não é falsa memória minha, apertava-me debaixo dos braços”. (SARAMAGO, 2006, p. 98). No entanto, o que implica, aqui, não é se de fato a memória é verdadeira ou não, mas o que essa lembrança, mesmo que falsa, significou nesse passado para o entendimento do seu autor no presente da rememoração.

A criança que eu fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que o foi, *estava* simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, [...] (SARAMAGO, 2006, p. 18, grifos do autor).

Refletindo sobre o trecho, podemos associá-lo ao processo de maturidade. Quando criança, por mais que Saramago gostasse da paisagem que tinha à sua frente, não conseguia compreendê-la, senti-la; ou seja, não era possível identificar-se com ela, nem apreender o significado que ela poderia conferir à sua vida. Mais velho, Saramago, ao lembrar-se dos momentos em que “estava” no local descrito, pode “ver” a importância que essa paisagem teve, tanto no momento de reflexão, quando o autor já estava mais velho, como no momento da vivência, quando ainda criança.

Para Mauriac, “o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção [...]. Cada escritor possui as suas fixações da memória, que preponderam nos elementos transpostos da vida” (*apud* CANDIDO, 2011, p. 66-67). Essa afirmação é adequada tanto para escritores que falam de si mesmos, de suas vidas e seus passados, como protagonistas de suas histórias, como também para os escritores nas suas mais diversas construções ficcionais. Temos, na ficção, inúmeros romances que retratam um narrador rememorando fatos que viveu em um passado distante, e que só no momento da enunciação consegue compreendê-los e repensá-los. Em *Dom Casmurro* (1999) de Machado de Assis, por exemplo, temos o personagem Dom Casmurro, já velho, relembando acontecimentos vividos por Bentinho e Bento, seus eus do passado. Mesmo que Dom Casmurro se mantenha convicto de suas ações, percebemos, em seu discurso de memórias, traços duvidosos e inseguros sobre as ações descritas. Alberto, de *Aparição* (1971), romance de Vergílio Ferreira, passa por uma situação semelhante, relembando a época em que lecionou em Évora com convicções existencialistas. Alguns dos fatos narrados pelo protagonista só fizeram sentido quando no momento da enunciação. Para finalizar esta explanação, referenciamos Riobaldo, de *Grande Sertão: veredas* (2001), de Guimarães Rosa que, em uma conversa com um interlocutor desconhecido e que não se manifesta diretamente na narrativa, por assim dizer, pois o único discurso presente no romance é o de Riobaldo, reconta uma aventura que viveu no passado e que, só no futuro, ou seja, no presente da enunciação, é que reflete sobre alguns dos acontecimentos e mistérios existentes na sua história. Pensando nesses três exemplos, citamos

Luiz Costa Lima quando diz que “tempo e percepção sensível são os traços indispensáveis para a elucidação da lembrança em geral” (LIMA, 2009, p. 130).

Temos ciência de que *As pequenas memórias* se trata de uma autobiografia, e não de um romance, como os que foram citados anteriormente. No entanto, quando se fala em Saramago, é importante atentar para o fato de que a maioria de seus romances tem o narrador em terceira pessoa. Outro ponto interessante, que caminha nesta mesma direção, é a sua posição sobre a existência dos narradores. Em entrevista, Saramago afirma que eles não existem, conferindo à sua própria pessoa a responsabilidade sobre o que essas figuras narrativas escrevem:

Se a obsessiva atenção dada pelos analistas de texto a tão escorregadias entidades, propiciadoras, sem dúvida, de suculentas e gratificantes especulações teóricas, não estará a contribuir para a redução do autor e do seu pensamento a um papel de perigosa secundariedade na compreensão complexiva da obra. [...] Bem vistas as coisas, sou só a memória que tenho, e essa é a história que conto. Omniscientemente. Quanto ao narrador, que poderá ele ser senão uma personagem mais de uma história que não é sua? (SARAMAGO, 1998, p. 26-27).

A afirmação de Saramago a respeito da não existência do narrador é somente uma opinião sua, e sabemos, pois, que autor e narrador são figuras distintas, ocupando papéis também distintos. No entanto, se Saramago se proclama o narrador de seus romances, o faz na intenção de assumir tudo o que está dito pelo narrador, sem a pretensão de expor suas ideias por meio de estratégias narrativas que tiram da sua figura empírica a autoridade dos discursos. O fato de Saramago negar a existência do narrador tem a única função de ele se mostrar em seus romances, assumindo suas ideias, sem “máscaras narrativas”.

Desprovido das “máscaras” na narração de seus romances, que quase sempre se dão em terceira pessoa, caminhamos em direção da narração em primeira pessoa que Saramago faz em *As pequenas memórias*. Maria Lucia dal Farra (1978), seguindo os estudos iniciados pelo francês Jean Pouillon sobre pontos de vista, os quais ainda constituem relevância acadêmica e



são válidos para nossa pesquisa, afirma que os narradores se assemelham a estratégias de pontos de vista utilizados em câmeras filmadoras no processo filmico. Existem, portanto, pontos de vista *avec*, que estão junto/dentro, câmeras que acompanham os personagens junto deles, ou seja, narradores em primeira pessoa, e pontos de vista *par derrière*, representando o distante/fora, câmeras externas, que realizam uma filmagem aérea, de cima, de longe, configurando narradores em terceira pessoa. Ao analisar fatos externos, que não dizem respeito à sua vida, diretamente, Saramago utiliza a terceira pessoa da narrativa. Quando a história diz respeito à sua própria vida, com fatos que o autor viveu empiricamente, no caso desta autobiografia que analisamos, o narrador aparece em primeira pessoa. Essa conclusão, por assim dizer, é óbvia, pois uma das características da autobiografia é que esta seja a história de seu próprio autor, o que lhe confere a escrita em primeira pessoa. Em outras palavras, a autobiografia consiste em uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). No entanto, o que em verdade nos importa, aqui, considerando o que foi exposto, está na questão da abertura que Saramago confere a ele próprio para a confecção de sua autobiografia.

Levando em consideração as informações sobre: a) o posicionamento de Saramago em relação à não existência do narrador; b) o fato de a maioria dos romances saramaguianos serem narrados em terceira pessoa; c) os estudos de pontos de vista aproveitados para a classificação das figuras narrativas; podemos supor que a abertura do ângulo de visão que Saramago teve ao escrever os seus romances foi muito maior do que aquele utilizado para escrever sua autobiografia. Ou seja, quando se volta para si mesmo, assume o ponto de vista *avec*, que o coloca dentro das histórias, e, mesmo distante no tempo, o acesso a esse passado que o tem como protagonista é nebuloso e complexo de ser analisado. Por outro lado, com um ponto de vista *par derrière*, distante dos fatos, conseguia ter uma visão mais nítida e com maior abrangência, contando histórias que não eram suas.

Chegamos ao ponto chave para dar continuidade ao estudo sobre a memória na autobiografia de Saramago. Afirmção de caráter existencialista, mas

que se fundamenta em nossa análise, é a de que contar histórias que não são nossas é, por vezes, muito mais interessante e confortável do que contar feitos do nosso próprio passado. Nos episódios presentes em *As pequenas memórias*, as histórias de Saramago são retratos de sua infância e juventude, como bem se sabe, mas não há, nessas passagens, feitos grandiosos e aventuras dignas de análise e aprofundamento. O que encontramos são apenas registros de algumas histórias que o autor viveu, destacadas unicamente pela relação que estabelecem com o futuro, presente da enunciação, deste autor. É, portanto, no momento da escrita e, conseqüentemente, da evocação dessas memórias, que Saramago reflete sobre seu passado. Um exemplo disso se dá na seguinte passagem: “(é agora que o estou a pensar, não nessa altura) [...] sensações que na minha memória iriam ficar para sempre associadas à cegueira e que provavelmente se reproduziriam no *Ensaio*” (SARAMAGO, 2006, p. 104, grifo nosso).

O que concluímos a partir disso, é que as histórias vividas pelo Saramago criança e jovem em *As pequenas memórias* servem para que o Saramago adulto reflita e descubra mais de si por meio de tais releituras, como em: “Não tenho dúvidas, porém, de que algo ficou em suspenso naquela noite. Ou, pensando melhor, agora que estou a escrever sobre o que se passou, talvez não” (SARAMAGO, 2006, p. 31). A passagem do tempo, portanto, atuou fortemente no juízo de valores sobre fatos inseridos em um passado longínquo da vida do autor. As ações vividas no passado jamais serão alteradas, mas o julgamento que se tem sobre elas pode e, valendo-nos da citação, foi modificado por consequência da distância temporal que existiu.

Como dissemos, os episódios apresentados em *As pequenas memórias* tornam-se relevantes por consequência das reflexões que Saramago desenvolve. Além disso, com os acontecimentos de sua infância e juventude, podemos encontrar traços de seu futuro como autor, relatos de seus pensamentos ainda não amadurecidos sobre suas experiências como leitor e, também, de alguns registros que foram importantes para a confecção de suas obras, como no trecho: “Muitos anos depois, com palavras do adulto que já era, o adolescente iria escrever um poema sobre esse rio – humilde corrente de água hoje poluída e malcheirosa – em que se tinha banhado e por onde havia navegado”



(SARAMAGO, 2006, p. 14). Em outra passagem, Saramago expõe seu primeiro contato, antes mesmo de imaginar que o pudesse fazer, com *Memorial do convento*, quando visitou a cidade de Mafra, ainda muito jovem:

[...] quem sabe se por um cúmplice aceno dos fados, uma piscadela de olhos que então ninguém poderia decifrar, levavam-me a conhecer o lugar onde, mais de cinquenta anos depois, se decidiria, de maneira definitiva, o meu futuro como escritor. [...] mas é bem possível que a recordação daquele angustioso instante estivesse à espreita na minha cabeça quando, aí pelo ano de 1980 ou 1981, contemplando uma vez mis a pesada mole do palácio e as torres da basílica, disse às pessoas que me acompanhavam: ‘Um dia gostaria de meter isto dentro de um romance.’ Não juro, digo só que é possível (SARAMAGO, 2006, p. 71-72).

Em outro momento, Saramago justifica o propósito inicial de escrever sua autobiografia: “Quando há muitos anos me veio a ideia de escrever as recordações e experiências do tempo em que era pequeno, tive logo presente que deveria falar da morte (já que tão pouca vida teve) do meu irmão Francisco” (SARAMAGO, 2006, p. 113). E, por fim, também explica a ideia do título que daria ao seu livro de memórias:

A ambiciosa ideia inicial – do tempo em que trabalhava no *Memorial do Convento*, há quantos anos isso vai – havia sido mostrar que a santidade, essa manifestação ‘teratológica’ do espírito humano capaz de subverter a nossa permanente e pelos vistos indestrutível animalidade, perturba a natureza, confunde-a, desorienta-a. (SARAMAGO, 2006, p. 32).

Outro ponto interessante sobre *As pequenas memórias* se dá na coerência que se percebe entre as ações que influenciaram a construção das identidades de Saramago e os discursos que o autor proferiu, por diversas vezes, em suas obras sobre a relação entre passado e presente. O Saramago que todos conhecemos, autor, enfático, sempre acreditou que o passado histórico não deveria ser considerado morto. Que era preciso estabelecer uma relação entre o fato passado com o presente, como um elo, uma ponte entre esses dois tempos. É o passado que nos sustenta, somos dele consequência. Não podemos esquecê-lo e o desconsiderarmos nos acontecimentos do presente. Esse era o pensamento

que Saramago expunha em suas obras. Agora, falando da vida desse autor, encontramos um exemplo que faz jus a esse elo que ele tanto propunha:

O receio, que hoje ainda, apesar de algumas harmoniosas experiências vividas nos últimos tempos, mal consigo dominar quando me vejo perante um representante desconhecido da espécie canina, vem-me, tenho a certeza, daquele pânico desabalado que senti, teria uns sete anos, quando [...] se abriu de repente a porta e por ela desembestou, como a pior das feras malaias ou africanas, o lobo-d'alsácia de uns vizinhos que, imediatamente, para honrar o nome que tinha, começou a perseguir-me, atroando os espaços com os seus latidos furiosos, enquanto o pobre de mim, desesperado, fintando-o atrás das árvores o melhor que podia, gritava que me acudissem (SARAMAGO, 2006, p. 20-21).

Um episódio vivido (ou sofrido, se vier ao caso) na infância interferiu no comportamento de Saramago pelo resto de suas vidas. Ou seja, o sentimento pela raça canina no presente é consequência de um feito passado. O passado, então, não pode ser isolado de sua relevância e interferência no presente, pois é responsável por ele. Sobre o fato de haver muitas histórias de infância nessa autobiografia, consideramos relevante apontar, neste momento, uma das teorizações de Freud, que estabelece uma relação entre infância e memória.

Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram mas tal como aparecem nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participam de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças (FREUD, 1976, p. 287).

Essa citação nos abre um leque de possibilidades para discorrer sobre o estudo da memória na autobiografia de José Saramago. Podemos começar discutindo sobre a seleção dos fatos vividos que constituiriam essa obra. Tal como dissemos, as lembranças de Saramago são de sua infância e juventude, no entanto, não designam ações importantes, pelo menos no que se diz respeito ao desenvolvimento dos enredos que compõem essa autobiografia. Julgamos, como bem dissemos, que tais fatos são carregados de uma importância



íntima para o seu autor, pois, de alguma maneira, propiciaram uma reflexão quando no momento da enunciação, que atuou diretamente na formação e no desenvolvimento das identidades de Saramago. Citando Halbwachs, “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (SARAMAGO, 2006, p. 16).

Ainda sobre a seleção das lembranças, “ao passo que a memória é retentiva, conservando uma cena do passado, a evocação supõe a busca de recuperar o que passou a partir do resto que se tenha guardado” (LIMA, 2009, p. 135). Ou seja, é sempre necessário ter um ponto de partida para que seja possível realizar uma associação das ideias. E o ponto de partida de Saramago foi Azinhaga, pequena província onde nasceu:

Foi nestes lugares que vim ao mundo, foi daqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu onde nasci tivesse sido consequência de um equívoco do acaso, de uma casual distração do destino, que ainda estivesse nas suas mãos emendar (SARAMAGO, 2006, p. 10).

O que se pode compreender com base no trecho retirado da obra, é, talvez, o reencontro de Saramago com a sua identidade mais antiga, a província de Azinhaga, da qual não tem lembranças próprias, mas à qual sente que pertence. De que maneira nos sentimos pertencentes a um lugar se dele não temos recordações? É certo que, anos mais tarde, Saramago retornou a Azinhaga, mas o tempo já não era o mesmo, e as reflexões e sensações provindas desse local já eram outras. O que, então, fez com que Saramago estabelecesse um rasgo afetivo com o passado em Azinhaga, do qual mal recorda, foi a memória que seus familiares tinham dos tempos vividos no local. Ou seja, Saramago sente, por meio de uma memória coletiva, que suas raízes e pequenas felicidades lá estão.

[...] se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas

de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Como dissemos, as passagens, os episódios registrados nessa autobiografia não apresentam grande relevância nos seus enredos, as quais conferem importância ao próprio Saramago, que, por meio dessas lembranças, traça comentários e reflexões, que, aí sim, nos interessam. Ainda sobre o trecho retirado de *As pequenas memórias*, uma questão a ser discutida é o da comparação do passado de Saramago à narração deste em forma de ficção. Sobre esse assunto, citamos Anatol Rosenfeld:

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (ROSENFELD, 2011, p. 48).

A partir do trecho de Rosenfeld, podemos afirmar que tudo seria mais fácil para a retomada de lembranças se o mundo vivido fosse o ficcional, existindo um narrador para mostrar o ambiente como um todo e narrar as situações das quais Saramago criança não se recorda. A “compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo” (CANDIDO, 2011, p. 59). Com relação à ficção, há sempre uma mensagem, um círculo que se fecha, um sentido.

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou



vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a despeito do mundo.

Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana (ECO, 1999, p. 93).

Sempre se soube que Saramago via na literatura uma função social. Talvez, e isso é uma hipótese, Saramago buscasse, com *As pequenas memórias*, ser atingido, por assim dizer, pela funcionalidade da literatura quando o assunto dizia respeito à sua própria vida, de modo que tudo o que viveu e que em alguns momentos não fazia sentido para si mesmo, pudesse ser respondido quando se tornasse ficção, em que, “graças ao vigor dos detalhes, à ‘veracidade’ de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidade dos eventos etc., tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário” (ROSENFELD, 2011, p. 20). Sabemos também que, em muitas passagens, Saramago questiona a autenticidade de suas memórias, o que nos faz concluir que sua intenção de veracidade da narrativa é menor que a intenção de estabelecer um sentido a ela, como podemos perceber com o seguinte trecho:

Em rigor, em rigor, penso que as chamadas falsas memórias não existem, que a diferença entre elas e as que consideramos certas e seguras se limita a uma simples questão de confiança, a confiança que em cada situação tivermos sobre essa incorrigível vaguidade a que chamamos certeza. É falsa a única memória que guardo do Francisco? Talvez o seja, mas a verdade é que já levo oitenta e três anos tendo-a por autêntica... (SARAMAGO, 2006, p. 110).

Dessa forma, pensando agora em termos de ficção, “a verossimilhança propriamente dita, - que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil” (CANDIDO, 2011, p. 75, grifo do autor). Para finalizar este ponto da discussão, podemos citar uma afirmação que se encontra em um dos romances de Saramago, em que a história contada se limitava a “suposições de

um narrador preocupado com a verossimilhança, mais do que com a verdade, que tem por inalcançável” (SARAMAGO, 2010, p. 198).

Temos por definição de verdade:

[...] designa com frequência qualquer coisa como a genuinidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade (ROSENFELD, 2011, p. 18).

Ainda sobre a verdade, “enquanto não [a] alcançares [...], não poderás corrigi-la. Porém, se não a corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes”. (SARAMAGO, 2010, epígrafe). A verdade a que se fala é algo que se constrói, e não pode ser vista como única, mas sim como uma. A grande verdade a que se remete o trecho é inalcançável. Há, pois, verdades. Verdades sobre os registros de nosso passado, seja ele histórico ou individual. Verdades sobre nós mesmos, sobre nossa essência e formação. Verdades sobre todos os discursos, sejam eles históricos, religiosos, sociais, culturais, subjetivos e os mais diversos que existem. Verdades sobre o que acreditamos ser verdade. Verdades, pois, sobre nossa memória e suas ilusões.

Assim como as verdades puras não existem, também as puras falsidades não podem existir. Porque se é certo que toda verdade leva consigo, inevitavelmente, uma parcela de falsidade, quanto mais não seja por insuficiência expressiva das palavras, também certo é que nenhuma falsidade pode ser tão radical que não veicule, mesmo contra a intenção de mentiroso, uma parcela de verdade. [...] De fingimentos de verdade e de verdade de fingimentos se fazem, pois, as histórias. (SARAMAGO, 1998, p. 27).

A memória, como sabemos, constrói um acontecimento exterior em registro, e dessa forma, o sentido que podemos dar a tal fato é diferente do original, pois com o passar do tempo, ele se altera. “Esta é, pois, a minha memória mais antiga. E talvez seja falsa...” (SARAMAGO, 2006, p. 111). E essa alteração depende da dimensão da lacuna que deixamos entre o fato ocorrido



e posteriores acontecimentos, ou mesmo da situação emocional na qual nos encontramos no momento desse registro, pois “a memória é um componente da alma, não se manifesta contudo ao nível da sua parte intelectual, mas, unicamente, da sua parte sensível” (LE GOFF, 1990, p. 379). Sobre esse tópico, citamos, ainda, Assman:

[...] as recordações não são estilhaços documentais que se deixam compor até formar uma imagem histórica coerente, mas aglomerações de recordações sob a pressão afetiva do momento histórico. A verdade da recordação pode consistir justamente na deformação dos fatos, porque esta, assim como o exagero, registra estímulos e sentimentos que não ocorrem em qualquer descrição factual. Portanto, as recordações, mesmo que manifestamente falsas, são verdadeiras em outro plano. Por certo, a verdade da atmosfera criada não pode simplesmente substituir a que é baseada em fatos. Ela não possui evidências comparáveis e incontestáveis, como a verdade histórica; é preciso haver um psicanalista ou artista para reuni-las (ASSMAN, 2011, p. 295).

No entanto, o que nos cabe neste momento não é comprovar a veracidade da memória evocada, e sim discorrer sobre a importância da imaginação no processo de rememoração. “Certamente, dissemos e repetimos que a imaginação e a memória tinham como traço comum a presença do ausente, e como traço diferencial, de um lado, a suspensão de toda posição de realidade e a visão de um irreal, do outro, a posição de um real anterior” (RICOEUR, 2007, p. 61). Supomos, pois, que para lembrar é preciso esquecer. E no processo de esquecimento, às vezes apagamos outros registros que nos contextualizariam tal fato no momento de evocação da memória. Tomemos como exemplo um episódio de *As pequenas memórias*:

A avenida estava em obras [...], e o que havia no chão era uma brita grossa capaz de esfolar um crocodilo. Aí tropecei, aí caí, aí deitei abaixo um joelho, [...] por fim consegui levantar-me, já com o sangue a escorrer-me pela perna abaixo... (SARAMAGO, 2006, p. 62-63).

Voltando ao problema, à queda, se ela sucedeu antes significa que quando me levaram à missa eu já iria de pé atrás, decepcionado com um santo e disposto a acreditar que todos os outros eram iguais. Se foi depois que aconteceu, então o estatelamento podia ser entendido como um castigo pelo meu abandono do recto

caminho que deveria levar-me ao paraíso, [...] Nunca o saberei. (SARAMAGO, 2006, p. 64).

A queda, assunto do trecho citado, pode representar duas coisas diferentes considerando o momento exato em que aconteceu. Antes de avaliarmos os desdobramentos provindos dessa citação, cabe a nós explicar a história tal como o autor a registrou em sua autobiografia para fins de contextualização. Quando era criança, Saramago andava a pedir às pessoas que passavam pela rua “um tostãozinho para o Santo António” (SARAMAGO, 2006, p. 62). O caso é que as moedas que recebia não eram destinadas ao santo, e sim à compra de doces para sua própria “satisfação do pecado da gula” (SARAMAGO, 2006, p. 62). Em certa ocasião, Saramago correu até um senhor para pedir seu tostão e acabou caindo no chão e teve o joelho machucado. Ao relatar esse episódio, Saramago se recorda de que seus vizinhos da época, “família muito católica” (SARAMAGO, 2006, p. 63), convenceram sua mãe a matriculá-lo nos estudos religiosos, ou seja, queriam levá-lo à missa. O que Saramago não lembra é se os vizinhos o levaram à igreja antes da queda ou depois dela. Caso tenha sido antes, Saramago deveria estar decepcionado com Santo António, que o teria feito cair por consequência da sua dissimulação. Se o tombo aconteceu depois de ir à missa, teria sido castigo por ter se distanciado do bom caminho.

Voltando à análise, Saramago não tem a certeza de qual foi o momento em que aconteceu a queda e, como bem diz, nunca a terá. A memória, portanto, é imprecisa. Por mais que tenhamos a convicção de que um fato realmente aconteceu da maneira como contamos, muitas vezes esquecemos o contexto que o envolve, o que pode dificultar, em alguns casos, a formação de um sentido. Esse é o caso do trecho citado, que oferece a possibilidade de duas significações diferentes dependendo do instante em que o fato ocorreu. No caso de Saramago, seja em qualquer uma das duas possibilidades, os caminhos não alteraram a consequência, que foi a queda.

De acordo com as ideias de Bergson, “o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes” (HALBWACHS, 2006, p. 53). Para tanto, quando estamos

rodeados por lacunas que obscurecem o desenvolvimento do sentido da lembrança, é preciso recorrer à imaginação. O processo do imaginário no trabalho de rememoração envolve tanto os fatos passados como as sensações e os sentimentos, visando estabelecer um sentido à história evocada, ou mesmo preenchendo e modificando os episódios do passado no intuito de explicar algo que se sente no presente. “... senti dentro de mim, se bem recordo, se não o estou a inventar agora, que tinha, finalmente, acabado de nascer. Já era hora” (SARAMAGO, 2006, p. 20). Aproximamos essa “confissão” de Saramago ao poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa¹:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm. [...]

Comparando o trecho do poema de Fernando Pessoa com a citação de Saramago sobre o real momento em que teve determinado sentimento, podemos dizer que são discursos com desenvolvimentos semelhantes. Não se sabe se Saramago, em seu passado, realmente sentiu que tinha “acabado de nascer”, no entanto, algum sentimento existiu para que o registro dessa memória fosse realizado. O poema de Pessoa discute, entre outras possibilidades, o processo de registro de sentimentos, que se dá em momento posterior ao acontecimento. A dor, no caso, são duas. Uma quando se sente, outra quando se registra. O sentimento que Saramago teve na infância certamente não é o mesmo que teve quando se recordava da ação passada, mesmo que fosse semelhante a esse. No entanto, o próprio autor confessa não ter certeza disso.

Para Candido, “o princípio que rege o aproveitamento do real é o da *modificação*, seja por acréscimo, seja por deformação de pequenas sementes

¹ Disponível em: <http://www.releituras.com/fpessoa_psicografia.asp>. Acesso em: 09 set. 2014.

sugestivas” (2011, p. 67, grifo do autor). Dessa forma, mais uma vez, afirmamos que, mesmo que a memória tente resgatar o passado tal como ele aconteceu, é preciso recorrer à imaginação para transformá-lo em discurso.

A evocação converte-se, por conseguinte, em semente da mimesis quando deixa de procurar restaurar o passado, senão que dele se desvia e tematiza o que, a partir do resto guardado, na memória coletiva ou privada, é passível de ser desdobrado com aquele resto. Entender que a mimesis (uma certa mimesis) contém uma *inventio* significa que ela inclui, absorve e transforma um *resto*; quando ele é identificado, é entendido como *referência* (LIMA, 2009, p. 141, grifos do autor).

As referências, portanto, existem e são muitas. Integram todo o passado de infância e juventude de Saramago. Frisamos que se as lembranças desse passado são reais, não cabe a nós avaliarmos, e talvez nem a seu autor, porque por mais convicção que ele tenha de que um fato aconteceu tal como ele conta, a memória pode estar enganando-o, mesmo quando afirma ter encontrado documentos que preguem sua veracidade. Sobre isso, um exemplo:

Graças a uns papéis que julgava perdidos e que providencialmente se me apresentaram à vista, sem esperar, quando andava à procura doutros, a minha desorientada memória pôde reunir e encaixar umas quantas peças que estavam dispersas e, finalmente, colocar o certo e o verdadeiro onde até aí haviam reinado o duvidoso e o indeciso (SARAMAGO, 2006, p. 108).

Quando registramos um fato em nossa memória, somos influenciados por questões de distintas ordens, inclusive e principalmente, as de ordem emocional. Por exemplo, no trecho: “Foi um instante, nada mais que um instante, mas a lembrança dele durará o que a minha vida tiver de durar” (SARAMAGO, 2006, p. 20); o registro desse fato foi, sim, influenciado pela emoção sentida no momento em que o fato se passou. De acordo com Assman, “a verdade que se pode depreender das falsas recordações [...] diz respeito à qualidade apodítica de recordações emocionais. Elas são incorrigíveis e inegociáveis, pois sustêm-se ou caem de acordo com a vivacidade da impressão afetiva” (2011, p. 292). Assim, caso outra pessoa presenciasse o fato, desprovida da mesma emoção sentida por Saramago, o registro poderia ser diferente.



Voltando à imaginação e ao processo de rememoração, o próprio Saramago expõe a dificuldade de se registrar uma lembrança totalmente nítida, sem que ela sofra modificações por consequência da passagem do tempo. Em suas palavras, “Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas da memória e o vulto subitamente anunciado do futuro” (SARAMAGO, 2006, p. 14). Sobre isso, citamos Lejeune:

Existem duas atitudes diametralmente opostas em relação à memória. Sabe-se que ela é uma construção imaginária, ainda que seja pelas escolhas que faz, sem falar de tudo o que inventa. Alguns optam por observar essa construção (fixar seus traços com precisão, refletir sobre sua história, confrontá-la com outras fontes...). Outros decidem continuá-la. Alguns freiam, outros aceleram, e todos vislumbram como resultado desse gesto o fantasma da verdade. E, conseqüentemente, ambos estão convencidos de que os outros estão enganados (LEJEUNE, 2008, p. 105-106).

Em *A bagagem do viajante*, Saramago afirma: “Se passo as minhas lembranças ao papel, é mais para que não se percam (em mim) minutos de ouro, horas que resplandecem como sóis no céu tumultuário e imenso que é a memória. Coisas que são também, com o mais, a minha vida” (SARAMAGO, 1986, p. 231). Acreditamos, portanto, considerando o trecho de Lejeune e a afirmação de Saramago, que, em *As pequenas memórias*, o autor nem se convence e nem se engana. As lembranças de um passado que nunca voltará ainda causam sensações novas a este autor no seu momento de enunciação. Se tais lembranças são totalmente verdadeiras, ninguém saberá, e não vem ao caso investigar. O que Saramago soube, o que sabemos e no que acreditamos é que “Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas” (SARAMAGO, 1986, p.11).

Assim foi, mesmo que mentira. Nunca o saberemos. Assim é, sem verdades e falsidades, a memória.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora FTD, 1999.
- ASSMAN, Aleida. Corpo. In: _____. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: _____ *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *O narrador ensimesmado*. São Paulo: Ática, 1978.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FERREIRA, Vergílio. *Aparição*. Lisboa: Portugália Editora, 1971.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Imago, 1976.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário e a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROCHA, Clara Crabbé. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. *et al.* *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. Lisboa: Caminho, 1986.

_____. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. O autor como narrador. *Cult: Revista brasileira de Literatura*. São Paulo, n. 17, p. 25-27, dez. 1998.

_____. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.